

A EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE IMPERIAL

**MORAL, RELIGIÃO E FORMA SOCIAL
NA MODERNIDADE OITOCENTISTA**

A EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE IMPERIAL:
MORAL, RELIGIÃO E FORMA SOCIAL NA MODERNIDADE OITOCENTISTA

FELIPE ZIOTTI NARITA



**A educação da sociedade imperial:
moral, religião e forma social na modernidade oitocentista**
Felipe Ziotti Narita

1ª Edição - Copyright© 2017 Editora Prismas
Todos os Direitos Reservados.

Editor Chefe: Vanderlei Cruz
editorchefe@editoraprimas.com.br
Agente Editorial: Sueli Salles
agenteeditorial@editoraprimas.com.br
Diagramação e Projeto Gráfico: Brenner Silva
Foto de Capa: “Vue prise do Morro do Castello” (Revert Henry Klumb, ca. 1860)
Acervo da Biblioteca Nacional, RJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por: Isabel Schiavon Kinasz
Bibliotecária CRB 9-626

N231	Narita, Felipe Ziotti A educação da sociedade imperial: moral, religião e forma social na modernidade oitocentista / Felipe Ziotti Narita - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. 424p.; 23cm ISBN 978-85-5507-701-2 1. Brasil – História – Império – 1822-1889. 2. Educação - História. 3. Crianças – Formação. I. Título. CDD 981.04 (22.ed) CDU 981.041
------	---

Coleção Brasil moderno e contemporâneo: histórias e historiografias

Direção Científica

Márcia Naxara (UNESP - Franca)
Virgínia Camilotti (UNIMEP / UNESP - Franca)

Consultores científicos

Antonio Edmilson M. Rodrigues (PUC-Rio / UERJ)
Claudia Poncioni (PARIS 3 - FRA)
Daniel Faria (UNB)
Elías Palti (UNQ/ CONICET - ARG)
Elizabeth Cancelli (USP)
Fernando Catroga (FL - Coimbra - PRT)
Izabel Marson (UNICAMP)
Jacy Seixas (UFU)

Luiz Francisco A. de Miranda (UFSJ)
Marçal de Menezes Paredes (PUCRS)
Maria de Fátima Costa (UFMT)
Maria Stella Bresciani (UNICAMP)
Marisa Saenz Leme (UNESP-Franca)
Noé Freire Sandes (UFG)
Valéria Alves Esteves Lima (UNIMEP)
Vânia Chaves (FL - ULisboa - PRT)

Editora Prismas Ltda.
Fone: (41) 3030-1962
Rua Morretes, 500 - Portão
80610-150 - Curitiba, PR
www.editoraprimas.com.br



PREFÁCIO 1

Com a publicação de sua tese de doutorado, Felipe Ziotti Narita assina um estudo de envergadura que marcará data – e por muitas razões. Em primeiro lugar, sua análise é estruturada em torno de teses fortes e particularmente bem argumentadas. A mais importante – que percorre toda a obra – analisa o entrecruzamento entre moral escolar e religião na educação do aluno-cidadão, que deveria assumir seu exato lugar de obediência na sociedade imperial dos anos 1850-1880. O autor demonstra que esses mecanismos de transformação social resultam muito mais de processos indissociáveis de reformas políticas e educacionais ocorridas no Império do que de uma herança colonial ou de uma auto-ocidentalização.

A partir dos anos 1850, o Império brasileiro ingressa no que muitos pesquisadores, na esteira de Franco Cambi, perceberam como um período de intensa “pedagogização” das sociedades. Com efeito, os espaços que então eram construídos em torno do conceito de “nação” perceberam rapidamente o papel decisivo que a escola poderia desempenhar na educação do futuro cidadão moralizado. Assim, a religião, a educação e a moral encarnam vetores de um esforço de civilização e, não à toa, as autoridades imperiais organizam a transferência de duas fontes da moral escolar ocidental que se tornariam *best-sellers* no Brasil: o *Catéchisme historique* do advogado e clérigo francês Claude Fleury, publicado em 1683 – e colocado no *Index*, por Roma, sob acusação de jansenismo! –, e os escritos de outro moralista francês, Pierre Blanchard (1772-1856). É interessante notar que, em meados do século XIX, a Europa também procura, igualmente, impor uma moral escolar a suas crianças, mas uma moral de inspiração germânica e protestante, que atravessa o continente graças à tradução dos escritos do célebre pedagogo Heinrich Pestalozzi (*Lienhard und Gertrud* de 1781), do famoso *Robinson suisse* do pastor alemânico Johann David Wyss (1812) ou ainda do *Goldmacher-Dorf* publicado em 1817 por um prussiano refugiado na Suíça, Heinrich Zschokke, que está inclusive na origem de uma consciência identitária helvética. Ademais, é preciso igualmente pensar nos catecismos republicanos que são difundidos após 1789. Se, em tese,

trata-se de uma desvinculação da dominação da Igreja sobre os assuntos escolares, de fato grande parte dos catecismos republicanos retoma a forma típica de *pergunta-resposta* própria aos catecismos religiosos. É importante notar que essas traduções permitem o trânsito de uma moral protestante elaborada no espaço germânico, servindo como moral comum aos nascentes Estados nacionais europeus. Assistimos, então, a uma colaboração entre o religioso e o político, evidenciando que o processo de secularização não implica simplesmente uma extração do religioso do domínio público. Assim, como magistralmente demonstra Felipe Ziotti Narita, a educação moral, a religião e a educação simbolizam três elementos essenciais na construção nacional, tanto no contexto histórico brasileiro quanto no caso das nações da Europa.

Felipe Ziotti Narita enfatiza, com grande discernimento, que a dualidade fundamental dos processos educativos, partilhada entre a formação do humano e a formação do cidadão, não pode ser analisada através de processos estáticos, como anteriormente faziam os historiadores nacionais. Os trabalhos recentes derivados da história transnacional, global ou conectada mostraram todos os benefícios da descompartmentalização dos espaços geográficos, políticos, religiosos e pedagógicos a fim de reconectá-los com o mundo e considerá-los à luz dos processos de circulação, de aculturação e de ressemantização. A esse respeito, Serge Gruzinski propõe, em *L'histoire pour quoi faire?*, um horizonte metodológico baseado em três gestos epistemológicos fortes: descompartmentalizar – reencaixar – reconectar.¹

É na esteira desses estudos que se encontra o trabalho de Felipe Ziotti Narita. Escolhendo abordar essas dinâmicas através da noção de “transferência cultural”, o autor explora toda a complexidade das ressemantizações de saberes escolares em um antigo espaço colonial, tal como o Império brasileiro. Talvez à luz desse enquadramento, a escolha da metodologia das transferências culturais seja a mais adequada, pois esse esforço rompe com a ideia de uma influência mágica, do problema da autenticidade ou da superioridade do original (ocidental) sobre a cópia. Ao contrário, a pesquisa sobre as transferências culturais mostrou que é possível haver, a um só tempo, apropriação de uma prática pedagógica ou de um objeto cultural e emancipação do modelo por eles

1 GRUZINSKI, Serge. *L'histoire pour quoi faire?*. Paris: Fayard, 2015.

constituído, de modo que uma transposição, por mais distante que seja, tem tanta legitimidade quanto o original.²

Como lembra Michel Espagne, transferir não é transportar, mas metamorfosear. Nesse sentido, se o Império brasileiro foi muito nutrido por saberes ou por práticas exportadas pelo Ocidente, ele necessariamente reconstruiu declinações próprias a seu contexto. Isso significa que a história do Brasil é muito mais produto de sua dinâmica interna, tal como expõe Felipe Ziotti Narita, do que um resultado da expressão do colonialismo europeu. É por isso que estou convencido de que este livro encontrará seus leitores e receberá todo o sucesso que merece não apenas no Brasil, mas para além do continente sul-americano.

Alexandre Fontaine

Instituto de Estudos Políticos, Históricos e Internacionais

Centro Walras/Pareto de Estudos Interdisciplinares

Universidade de Lausanne – Suíça

Escola Normal Superior de Paris (ENS-Ulm) – França

2 Cf. ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, n. 1, 2013.